



CONTOS

I - APENAS PENA E PENAS

Acusam-me de louco. Inicialmente, acorrentaram-me pela perna, corrente varando a parede, atada em árvore ao pé da casa lar. Agora, alegam que o grilhão atrita estraga a parede. Afinal, não satisfeitos, construíram este quarto prisão distante da casa lar e me trouxeram esta noite para cá. Vão me trazer comida, água e o mais. E consideração, e carinho?

Serei papagaio, para estar aqui, acorrentado pelo pé? Oxalá fosse! Teria apenas plumas coloridas, asas leves para a fuga, mereceria algum afeto. Pois sim, menos que papagaio sou: sem penas plumas, aladas asas ou afeito afeto, deste, ostento apenas as cadeias.

Eu, a corrente, a árvore onde esta se prende. De cada dos quatro laterais lados, paredes. Acima, caibros e telhas. Embaixo, plano chão de batida terra. Dentro de mim, somente, só, solidão.

A noite está escura e a lua omissa. Variados ruídos além dos elos da corrente. Não temo a treva, nem a nada mais. A morte é constante companheira, a sombra minha. Todas as horas são extremas, sem unção. Por não temer sou livre, mais que papagaio sou.

Esta árvore e eu somos um só. Apenas distintos no combinar dos átomos. Maiores elos, além dos desta corrente, nos confundem numa comum totalidade. Partes somos do mesmo todo.

Estas paredes, porém, me são hostis. Paredes e telhas, ao mesmo tempo que me confinam, ampliam meu desespero. Vou reduzir a pó cada pedaço deste quarto prisão.

Já tudo rui sob os meus golpes certos, parteiros da libertação. Já posso ver as estrelas!

Minha pena castigo se cumpre no suceder das noites. Aos poucos, a perna acorrentada apodrece. Sinto estranhas comichões às costas, dos dois lados.

Esta é a mais extraordinária noite de quantas tenho passado. Multiplicam-se-me miríades de sensações por todo corpo meu. Partiu-se-me a perna e a prisão. O corpo amacia-se-me.

O nascente ilumina-se de sol. Alço vôo, cheio de cores e penas, leve e incrivelmente feliz de voar entre este bando de papagaios.

Mauro Carneiro de Freitas